

Renovação

A MAQUINA DE COSTURA

O primeiro centenário dessa admirável invenção, que se deve ao operário José Madesperger.

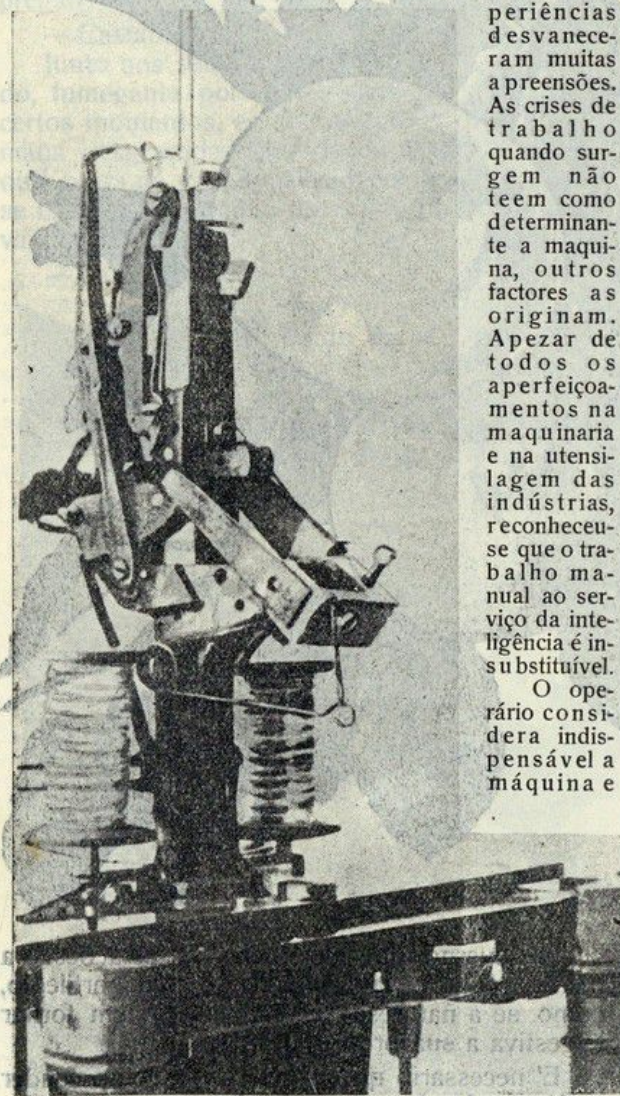
A máquina é um mal ou um bem? Prejudica ou beneficia o trabalhador manual?

Eis um problema, cuja discussão aqui há cinquenta anos apaixonava os teóricos do socialismo, dividindo-se as opiniões dos que eram pela máquina, fautor do progresso e dos que eram contra a máquina, que matava o operário, gerando a falta de trabalho pela simplificação dele.

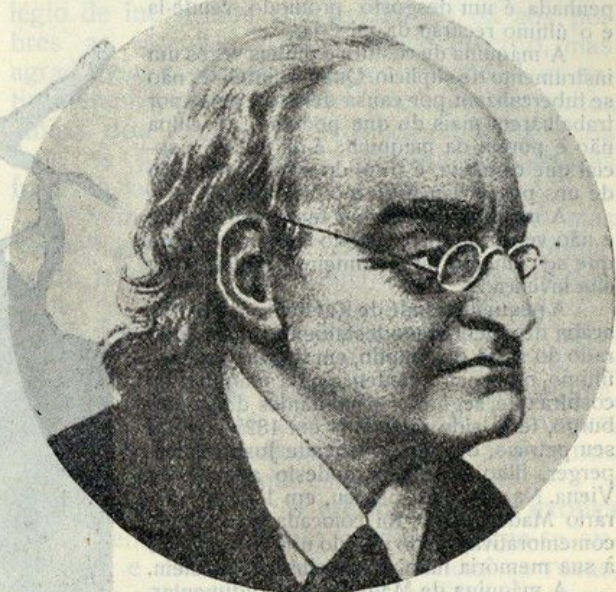
Hoje não subsistem dúvidas. Algumas dezenas de

anos de experiências desvaneceram muitas apreensões. As crises de trabalho quando surgem não teem como determinante a máquina, outros factores as originam. Apesar de todos os aperfeiçoamentos na maquinaria e na utensilagem das indústrias, reconheceu-se que o trabalho manual ao serviço da inteligência é insubstituível.

O operário considera indispensável a máquina e



Primeiro modelo da máquina de Madesperger



José de Madesperger, austriaco, a quem se atribue o invento

revolta-se até por industriais mais gananciosos e mais mesquinhos o privarem dela, obrigando-o a esforços escusados. A máquina tornou-se simpática. Entrou em quasi todos os lares, facilitando essas admiráveis indústrias domésticas, as únicas que podem tornar amado o trabalho, as únicas que não tendem a obliterar, antes exaltam, o sentido da personalidade.

Não poderia deixar de rodear a máquina este ambiente de simpatia. A espécie quere-lhe, como a mãe aos filhos. Gerou-as com dôr, aperfeiçou-as com sacrifícios.

Não nos referimos já às máquinas simples, que foram também as primitivas, e que constituem a mais alta manifestação de inteligência do nosso antepassado das cavernas: a lança, a faca, o machado, a enxada, etc. As máquinas em que são aplicados os princípios da mecânica, todas elas foram inventadas para reduzir o sofrimento, a dôr de trabalhar. E se profundarmos bem, encontraremos como sendo o primeiro que as ideou e lhes deu grosseira realização um operário, em regra de pouca cultura, mas de inteligência aguçada pelas dificuldades e canseiras do trabalho manual.

Pela facilidade que determinados espiritos teem em divinizar tudo, em criar teogonias e pela predisposição de determinados em alargar o seu âmbito, evitando exclusivismos, verifica-se o fenómeno curioso de entrar a máquina na categoria das divindades.

Ainda há pouco na Índia, cremos que em Calcuttã, um ocidental foi surpreendido com a existência duma divindade nova na mitologia hindú: a máquina de escrever. Um grupo de indianos, na sua maioria empregados

de escritório, reunia-se num templo para prestar culto à máquina de escrever, que se via num altar, rodeada das mesmas pompas das outras divindades.

Máquinas há, que vieram simplificar tanto o trabalho que bem merecem não o absurdo culto religioso, mas uma amizade bem semelhante ao amor. Outras, prodígios de mecânica, dão-nos a ilusão de serem inteligentes e de terem a presidir aos seus movimentos uma vontade consciente — deus ou demônio. A máquina de compôr, por exemplo, é uma dessas maravilhas de mecânica.

A máquina de costura, a mais popular, a mais querida, aquela de que melhor se conhecem os singelos segredos, a que habita em quasi todos os lares e é muitas vezes a única riqueza do pobre, essa é objecto de um carinho especial. Considera-se como a uma pessoa de família e o seu ruído não desperta os bambinos que dormem no berço, nem o trabalhador que repousa depois de um dia de fadiga, enquanto a companheira, noite alta, trabalha. Para o povo, das cidades e das aldeias, a máquina de costura é simplesmente — a máquina. Não a possuir é uma vaga vergonha social, tê-la empenhada é um desgosto profundo, vendê-la é o último recurso da miséria.

A máquina de costura é muitas vezes um instrumento de suplício. Quantas infelizes não se tuberculizam por causa dela, ou antes por trabalharem mais do que podem?! A culpa não é porém da máquina; é da injustiça social que campeia, é fruto do crime milenário de uns possuírem tudo e outros nada.

A máquina de costura tem a sua história e não vem fóra de propósito lembrá-la, agora que se comemorou o primeiro centenário da sua invenção.

A pequena cidade de Kufstein, na Austria, acaba de celebrar modestamente, quasi ignorado do resto do mundo, em três de Outubro último, o primeiro centenário da máquina de costura que, segundo os habitantes do pacato burgo, teria sido inventada em 1825 por um seu patricio, o operário alfaiate José Madesperger, filho de outro modesto alfaiate de Viena. Na casa onde nasceu, em 1768, o operário Madesperger, foi colocada uma lapide comemorativa, sendo erigido um monumento à sua memória num dos jardins de Kufstein.

A máquina de Madesperger, rudimentar, grosseira, foi sucessivamente modificada, aperfeiçoada por outros que se jactam, eles ou os naturais dos seus países de origem, de seus inventores.

A glória do invento, da prioridade da ideia e da primeira tentativa de realização dela, cabem a esse modesto trabalhador. Depois veio Elias Howe, filho dum camponês norte-americano, que apaixonado pela mecânica, em 1845, vinte anos depois do invento de Madesperger, construiu a sua máquina de costura, de que em 1854 lhe foi dada patente de invenção, coisa que não se lembrou de pedir Madesperger, que não possuía de certo o espirito pratico do seu rival americano.

Outra versão attribue o invento ao alemão Carlos Weisenthal, outro operário alfaiate, que teria ideado em 1755 uma maquina para coser. Outros, como Tomas Saint, o P.e Doge, Duncan, inglês e Phimonier, franceses, que introduziram modificações na máquina, disputaram a glória do invento. Madesperger criando a máquina e Howe introduzindo-lhe a lançadeira, partilham, porém, essa glória.

Outros mecânicos desde Walter Hunt, ao bem conhecido mecânico de Boston Isacc Merrit Singer, se devem os aperfeiçoamentos, a elegância, a simplicidade, das atuais máquinas de costura.

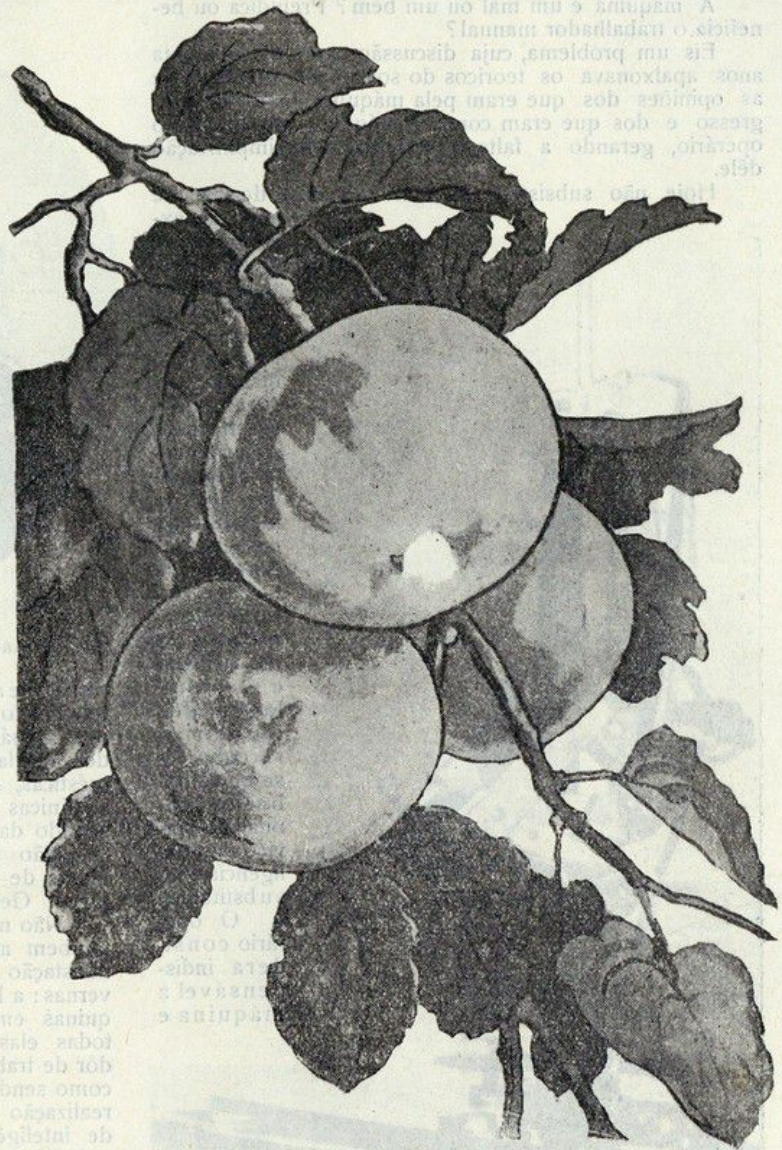
A todos elles, a multidão que se utiliza hoje das máquinas de costura devem uma especial gratidão. Contribuíram, com intuitos gananciosos embora, para simplificar o trabalho, para vencer a dôr, para embelezar a vida.

As flores e os frutos

: : do Inverno : :

Cada estação tem o seu encanto, como se o próprio tempo desejasse renovar-se muitas vezes, durante um só ano.

Neste exemplo admiravel, muitos individuos que andam para aí, de alma velha e cristalisada, coberta com o pó de ideias mortas, de teorias indignas da nossa epoca, deviam encontrar a indicação segura do caminho a seguir...



O inverno, que de todas as estações é a mais desolada, tem, todavia, o seu sortilegio, como se a natureza se empenhasse em tornar sugestiva a sua propria desolação.

E' necessario que não se saiba compreender a dôr profunda mas bela duma arvore desfolhada, erguendo seus braços para a indiferença